

APRESENTAÇÃO

“Estamos longe do tempo em que a Filosofia era a ciência única; ela fragmentou-se numa quantidade de disciplinas particulares, tendo cada um o seu objeto, o seu método, o seu espírito”.

DURKHEIM, Émile.

A divisão do trabalho social.
Lisboa/São Paulo, Ed. Presença/Martins Fontes,
Vol. I, 1977, p. 52.

A revista TOMO nasceu de um projeto conjunto de todos os professores e estudantes do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe.

O objetivo da revista é ser um catalizador e um instrumento de divulgação da produção científica - de preferência mas não exclusivamente tratando da realidade sergipana - nas áreas de Ciência Política, Antropologia e Sociologia em Sergipe. Ela está aberta a contribuições de professores e pesquisadores de dentro e de fora da comunidade universitária da UFS.

A idéia de trabalhar com os Precursores das Ciências Sociais em Sergipe, no primeiro número, pareceu um tanto evidente aos membros do Corpo Editorial da revista, para indicar ao mesmo tempo o caráter

de pioneirismo da revista e ressaltar a contribuição histórica dos pioneiros na construção do campo científico das Ciências Sociais sergipanas.

A palavra precursor vem do latim **praecursor**, **praecursus**, **praecurrere**, que significa correr antes. Noutras palavras, precursor é alguém que precede ou que inicia uma prática que depois se torna habitual, rotineira. Nesse sentido, precursores foram aqueles que produziram nas áreas de Ciência Política, Sociologia e Antropologia antes de os cursos de Graduação em Ciências Sociais e da Pós-Graduação em Ciências Sociais existirem.

As Ciências Sociais sergipanas conhecem duas fases fundamentais. A primeira teve lugar fora da Academia. A esse respeito, pode-se dizer que o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe(1), criado em 1912, foi um pouco o útero de todas as ciências humanas. A outra fase começa com a criação da Faculdade de Filosofia, em 1951, continua com a fundação da Universidade Federal de Sergipe, em 1968, e com as transformações institucionais no seu interior adiante analisadas.

As Ciências Sociais sergipanas são portadoras de cinco traços distintivos hoje. O primeiro é o caráter tardio com que aparece em terras sergipanas. Com efeito, se isso é válido para o Brasil inteiro(2), é ainda mais correto dizê-lo para o pequeno Sergipe da periferia capitalista brasileira. Mais concretamente, no que diz respeito à Sociologia, ela começou primeiro a ser ensinada no Atheneu pelo seu precursor Florentino Menezes, sendo, com o afastamento dele, extinta(3). Somente mais tarde, com a criação da Faculdade de Filosofia, é que ela voltou a ser ensinada como disciplina geral para outras graduações. Até a criação do Departamento de Ciências Sociais em 1990, ela foi ensinada naquela condição pelo Departamento de Psicologia e Sociologia da UFS.

O caráter tardio é igualmente perceptível em relação ao ensino da Ciência Política e da Antropologia. A primeira, a exemplo do que ocorreu na França e nos Estados Unidos(4), começou sendo ensinada na Faculdade de Direito de Sergipe, criada em 1951, através do enfoque jurídico com a disciplina Teoria Geral do Estado. É todavia em 1979 que foram criadas as cadeiras de Política I e Política II(5). No mais segue a mesma trajetória da sociologia até ser incorporada pelo Departamento de Ciências Sociais.

A trajetória da Antropologia não é muito diferente. O seu precursor foi o professor Felte Bezerra. Ela começou a ser ensinada na já mencionada Faculdade de Filosofia, passando pelas mudanças institucionais já comentadas até a criação do Departamento de Ciências Sociais(6).

O segundo traço das Ciências Sociais de Sergipe é um percurso que evoluiu do trabalho de não-especialistas (juristas, médicos, odontólogos etc.) para o trabalho de profissionais da área, ou seja, profissionais portadores de diplomas em Antropologia, Sociologia e Ciência Política. É preciso ressaltar, porém, que esse é um processo ainda inconcluso, já que um certo número de professores da Graduação e da Pós-Graduação em Ciências Sociais ainda é composto de não-especialistas.

O terceiro traço é que se tratam de campos científicos que ainda não estão completamente diferenciados e nem consolidados, nem a nível de graduação, nem a nível de pós-graduação(7). A dificuldade para isso tem várias explicações. A principal talvez resida no fato de que a criação desses cursos - institucionalizando campos novos de saber - não se deveu à demanda do mercado, mas tem a ver com trabalho solitário dos seus pioneiros, decisões curriculares a nível federal e visões de futuro não amparadas na realidade.

O quarto traço é a evolução da condição de *disciplina* dada isoladamente para *curso* de Ciências Sociais, na graduação e na pós-graduação. Note-se a esse respeito a problemática relação entre a graduação e a pós-graduação. A segunda veio primeiro como especialização e depois foi transformada em mestrado ainda não reconhecido pela Capes.

O último mas não menos importante traço se refere ao desigual desenvolvimento das três disciplinas que compõem o campo das Ciências Sociais sergipanas. É óbvio que, das três, é a Sociologia a mais “desenvolvida”, confundida até por muitos acadêmicos como as ciências sociais. A Ciência Política é a que tem menos tradição em comparação à Antropologia, mas ambas estão ainda na sua “fase heróica”.

Convém agora falar um pouco sobre a revista. Ela está estruturada em quatro partes. Da primeira consta uma entrevista com o professor Manoel Cabral Machado, um jurista de formação unanimemente considerado o pioneiro do ensino da Sociologia em Sergipe. A segunda parte contém um conjunto de artigos sobre os precursores dividido em dois blocos: um bloco de cientistas sociais (Bonifácio Fortes, Felte Bezerra, Florentino Menezes, Manoel Bonfim, os três precursores mais um quarto) e um bloco de historiadores (Felisbello Freire, Epifânio Dória e Sebrão Sobrinho), cuja inclusão numa revista tratando de precursores das ciências sociais coloca um problema que eu não pretendo aqui enfrentar. Por último, na terceira e quarta partes, estão resenhas e resumos de dissertações de mestrado defendidas no Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais da UFS. No seu conjunto, os trabalhos são de bom nível , mas desiguais quantitativa e qualitativamente. O leitor se dará conta disso.

A lista de agradecimentos é enorme e possivelmente incompleta. Não creia o leitor que dizer isso é fazer charme. Com efeito, muitas

foram as pessoas que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a realização desse grande projeto do NPPCS. Menciono de memória: o reitor José Fernandes de Lima, o conjunto dos conselheiros desta revista, as secretárias Gineide dos Santos, Valéria Maria dos Santos, os professores Rodorval Ramalho e Maria C. V. Gonçalves pela assessoria na entrevista, o sr. Fernando Sá com o trabalho técnico de formatação e homogeneização dos textos, o sr. Cláudio Rosa Cruz com o desenho da capa e com o projeto gráfico e os funcionários da Biblioteca Central da UFS com a produção da ficha catalográfica.

Aracaju, maio de 1998

Afonso Nascimento

NOTAS

- 1 Sobre o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, ver BARRETO, Rosiane. **O Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e a Idéia de Centro Cultural**. Aracaju, mimeo, 1996, e, TAVARES, Fátima do R. de L. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe - Centro de Preservação e Informação Cultural**. Aracaju, mimeo, 1992.
- 2 Para análise do caso brasileiro, ler MICELI, Sérgio (Org.) **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais/Idesp, 2 vols., 1989, e, VIANNA, Luís W. et al. **As ciências sociais no Brasil: a formação de um sistema nacional de Ensino e Pesquisa**. In BIB-Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Relume Dumará, no. 40, 1995.
- 3 Ver adiante a entrevista do professor Manoel Cabral Machado em que menciona o fato.
- 4 Para uma análise de várias ciências políticas nacionais, ver LAMOUNIER, Bolívar (Org.) **A ciência política nos anos 80**. Brasília, Cadernos da UNB, 1982. Especificamente sobre o caso brasileiro, consultar LAMOUNIER, Bolívar. **A ciência política no Brasil: roteiro para um balanço crítico**.

In LAMOUNIER, op. cit.; e REIS, Fábio W. **Notas sobre ensino e pesquisa atuais em ciência política**. In BOMENY, Helena e Patrícia Birman (Orgs.). **As assim chamadas ciências sociais**. Rio de Janeiro, UERJ/Relume Dumará, 1991.

- 5 Segundo declaração do professor Ibarê Dantas em entrevista ao editor em 12.5.1998.
- 6 Ver a esse respeito DANTAS, Beatriz G. **Antropologia no ensino de graduação na Universidade Federal de Sergipe**. Trabalho apresentado no painel "Antropologia no Brasil - ensino, pesquisa e mercado de trabalho" no GT sobre Ensino de Graduação. Recife, 5 a 7 de dezembro de 1988.
- 7 A Graduação e a Pós-Graduação são em Ciências Sociais e não em Sociologia etc.